

# Caderno



  
IMPRENSA  
OFICIAL/ES

Revista de Cultura do  
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano VI - n.º 31 • Vitória-ES • Janeiro de 2016 • Bimestral



Foto: Luan Volpato

## Com a força e a bênção de Maria

AS HISTÓRIAS DA PARTEIRA, COVEIRA, MÃE DE SANTO  
E MESTRE DE CULTURA POPULAR QUILOMBOLA  
MARIA LAURINDA ADÃO GANHAM O MUNDO EM  
DOCUMENTÁRIOS, LIVROS E EXPOSIÇÕES FOTOGRÁFICAS

Páginas 8, 9, 10 e 11

# As histórias de Maria e de Pedro

Começamos o ano falando das histórias de personagens muito diferentes, mas igualmente encantadores.

Maria Laurinda Adão, descendente de escravos, mestre de cultura popular e líder comunitária e espiritual, que ultrapassou as barreiras do Quilombo Monte Alegre, em Cachoeiro de Itapemirim, onde vive desde que nasceu, para defender as tradições do seu povo.

Sua vida foi registrada em docu-

mentários, em exposição fotográfica e em livro e é reverenciada em todo o país. A exposição “Todas as Faces de Maria” está, no momento, em Santiago, no Chile, e no Museu do Colono, em Santa Leopoldina.

Pedro Maia, que viveu de notícia na veia e que nos deixou há dois anos, é um dos grandes personagens da história da imprensa local, nascida e formada pelo O Diário, jornal que abrigou o que chamamos hoje de velha guarda do

jornalismo capixaba. Recuperamos uma entrevista inédita, feita pela jornalista Dora Dalmásio, há 13 anos, com Pedro.

Nesta edição de tantas memórias, falamos também do trabalho de aproximação cada vez maior da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses) com o público capixaba e da economia criativa, que dá cada vez mais espaços a tantos artistas e manifestações culturais do Estado.

Boa Leitura! ■

## Homenagens mais que merecidas

Dezembro foi um mês agitado e bastante produtivo para a Imprensa Oficial do Espírito Santo (DIO/ES). Para celebrar o Centenário de Augusto Ruschi, Patrono da Ecologia do Brasil, a Autarquia produziu um caderno especial contando um pouco da história daquele que viveu em prol da preservação do meio ambiente.

Em formato de revista, o caderno de oito páginas trouxe imagens históricas

de Ruschi, animais e plantas por ele catalogados, além de texto relatando sua trajetória de luta pela criação de reservas florestais. Segundo o ecologista, “o mundo não poderia prescindir desses locais por abrigarem inúmeras espécies de animais e vegetais ameaçados de extinção”. A publicação circulou encartada na edição do Diário Oficial do Espírito Santo, em 11 de dezembro, véspera da comemoração oficial.

Nara Leão, Roberto Carlos, Sérgio Sampaio, Rossini Pinto, Raul Sampaio, Roberto Menescal, Maurício de Oliveira, Alexandre Lima, Silva, Amaro Lima, Carlos Imperial e Tamy também foram destaque no DIO/ES. Os doze expoentes na arte de compor e cantar foram protagonistas da exposição “Homenagem aos Músicos Capixabas”, que esteve em cartaz no Shopping Norte Sul entre os dias 22 e 31 de dezembro.

## Caderno

Revista de Cultura do  
Diário Oficial do Espírito Santo

### GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES  
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO  
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS  
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO

### DIO

MIRIAN SCÁRDUA  
Diretora-presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO  
Diretor de Produção e Comercialização

GETÚLIO DARCY CURTY PIRES  
Diretor Administrativo-financeiro

SECULT  
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS  
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção  
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão  
Companhia de Comunicação

Fotografia  
Samuel Vieira

Projeto gráfico e editoração  
Comunicação Impressa

Jornalista responsável  
Cláudio Rocha

Impressão  
Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site [www.dio.es.gov.br](http://www.dio.es.gov.br)

# Dois anos sem **Pedro Maia** e seus muitos 'causos'

Entrevista exclusiva concedida a Dora Dalmásio, em 2003

**B**ar e Restaurante Espera Maré, Barra do Jucu, numa noite fresca de agosto do ano de 2003. Sobre a mesa, o indefectível cachimbo do entrevistado e uma taça de vinho – para molhar a palavra, diz ele. Quando a reportagem explica que, para se precaver de possível falha técnica do gravador, vai também usar caneta e papel, começam a brotar as suas lembranças e, ao sabor de uma história engraçada, o papo inicia.

“Em 1982, eu era repórter de rádio e fui fazer uma matéria sobre um projeto de plantação de arroz, que seria desenvolvido na Penitenciária Agrícola do Estado, em Viana. Pelo projeto, os valores arrecadados com a venda da produção beneficiariam os presos e suas famílias. Conversei com três presos e, na volta para a rádio, liguei o gravador para ver como estavam as entrevistas. Não havia nada gravado. O botão pausa estava acionado e não percebi.”

E o que fez? Simulou a entrevista com os presos, sendo ele próprio entrevistado e entrevistador. O então editor, João Luiz Caser, gostou da matéria “redondinha” e somente tempos depois soube a verdade.

Este é Pedro da Silva Maia, ou Pedro Maia, jornalista de time de primeira linha, formado na “escolinha” de O Diário e que



Fotos: Arquivo de Família

**Pedro era reconhecido pela sua coragem de dizer tudo o que pensava**

ingressou na área aos 16 anos, graças à sua aversão à Matemática.

Bem-humorado, dono de uma memória invejável e de fala rasgada, ele conta um pouco de tudo, principalmente do jornalismo capixaba de décadas passadas e de alguns casos que protagonizou como exímio fuçador de notícias.

Ele relata que, em carta para o jornal A Tribuna, um leitor afirmou que “Pedro Maia é meio normal...” e que ninguém nunca o traduziu com tanta precisão. “Bom, ser meio normal é bem melhor do que ser meio gago ou

meio veado.”

Ancorado na Barra do Jucu, Vila Velha, desde 1989, Pedro Maia nasceu em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro. Estava ele com 10 anos de idade quando, em 1950, mudou-se com a família para o Espírito Santo. Foi no bairro Jardim América, em Cariacica, que ele cresceu, numa infância que qualifica de “maravilhosa”.

Dividia-se entre as peladas nos campos de futebol de várzea e os filmes exibidos no cinema do bairro. “Tinha o Cine Hugolândia que, nos anos 1960, deu lugar ao Cine Hollywood. Esses cinemas >>

foram importantes para a formação cultural da mocidade de Jardim América, da qual faziam parte, entre outros, os jornalistas Marien Calixte e Oswaldo Oleari. Tivemos acesso a obras-primas, como filmes de Fellini, e conhecemos atrizes da estatura de Brigitte Bardot e Annouk Aimée antes dos americanos, pois algumas películas eram exibidas primeiro em cinemas menores.”

Dos estudos descuidou-se um pouco, cursando até a 2.<sup>a</sup> série do então curso ginásial. “Esse negócio chamado Álgebra, eu nunca entendi e nem quero entender nunca. Como é possível somar letras e números?”

Num certo dia do ano de 1956, o pai de Pedro Maia recebeu a visita de um amigo de Campos, Acyr Monteiro. “No livro O Diário da Rua Sete consta, equivocadamente, que esse amigo era Rosendo Serapião”, registra Pedro Maia.

Monteiro chegava para assumir a direção do jornal O Diário, por designação do empresário fluminense Mário Tamborindeguy, que comprou o veículo para defender o governo de Francisco Lacerda de Aguiar, o popular Chiquinho.

Ao saber, pelo amigo, que ele tinha em casa “um vagabundo de 16 anos, que não queria nada com os estudos”, Monteiro propôs arranjar um emprego de jornalista para o rapazola.

“Lembro-me como se fosse hoje. Cheguei ao O Diário e, conforme indicou Acyr Monteiro, procurei por Octávio Lisboa, figura inteligente e com larga experiência em jornal. Ele me perguntou: ‘Você quer ser jornalista, não é? Então, pegue a vassoura e vai começando a varrer...’”

## “ESSE NEGÓCIO CHAMADO ÁLGEBRA, EU NUNCA ENTENDI E NEM QUERO ENTENDER NUNCA. COMO

### É POSSÍVEL SOMAR LETRAS E NÚMEROS?”

Limpar clichê, servir cafézinho, comprar cigarro e, claro, varrer a redação. Esse era o trabalho de Pedro Maia. Um misto de boy e contínuo. Nas horas de folga, datilografava artigos escritos à mão, que correlições de Chiquinho enviavam para a redação.

Em 1958, o então revisor do jornal, Paulo Zimmer, precisou afastar-se para servir ao Exército no Rio de Janeiro. Pedro Maia foi guindado ao posto de revisor, sendo substituído, em sua função anterior, pelo irmão Paulo Maia, outro grande jornalista, atualmente editor de Cadernos Especiais de A Gazeta.

Em 1959, aconteceu um fato decisivo para a carreira de Pedro Maia. O governador era Carlos Lindenberg e o deputado estadual Elcio Cordeiro, da União Democrática Nacional (UDN) – partido da coligação que elegeu Chiquinho –, ameaçou fazer o enterro simbólico do governador em Cachoeiro de Itapemirim. Era uma manifestação contra a destruição, por Lindenberg, de uma praça na cidade com o nome de Chiquinho.

“Higino de Carvalho, delegado de Cachoeiro e tido como linha-dura, havia garantido que, se saísse o tal enterro, metralhava todo mundo.” Nenhum repórter de O Diário quis cobrir o prometido fato e Pedro Maia recebeu do então diretor de redação, Plínio Marchini, a proposta de fazer o trabalho. Com a promessa de, se fizesse uma boa matéria, almejar a função de repórter.

“Fiquei meio cabreiro, mas na comitiva de deputados que se formou em Vitória para contornar o assunto, estava um tio meu, o coronel Pedro Maia de Carvalho. Senti-me encorajado e, depois de pegar camisa e gravata emprestada com Plínio, fui.”

Chegando a Cachoeiro, deparou-se não apenas com um enterro, mas também com a polícia baixando o pau no defunto e respectivo séquito. “Só que era um enterro real e foi preciso a interferência do então prefeito Raimundo Andrade, pai do deputado estadual José Tasso de Andrade. Fiz a matéria e no outro dia cobre a promessa a Plínio. Virei repórter e meu irmão Paulo ocupou meu lugar na revisão.”

Numa varredura sobre seu tempo em O Diário, jornal que marcou época e que “formou” vários jornalistas hoje atuando na imprensa capixaba e nacional, Pedro Maia afirma que o pessoal de hoje nem imagina as dificuldades então existentes. Do tempo do linotipo, a edição começava a ser produzida lá pelas 10 horas da manhã e terminava por volta de uma hora da madrugada.

“As miseráveis máquinas só enguiçavam à noite. Além disso, atuávamos em todas as editorias. Não tinha carro nem vale-transporte. Fazíamos jornalismo com garra, amor e alma. O Diário foi

a base do jornalismo capixaba.”

Da linguagem jornalística da ocasião, constavam expressões eufêmicas e rebuscadas, como “objeto perfurante”, “nosocômio” e “decúbito dorsal”. Além do mais, todo mundo era chamado de “doutor”.

Ele destaca que, na mesma ocasião em que O Diário foi comprado por Edgard dos Anjos e A Tribuna por João Santos, dois fatos importantes contribuíram para fortes mudanças na imprensa local.

Um foi a vinda de jornalistas de centros maiores para o Estado, entre eles Vinícius Seixas, Antenor Novaes, Merival Lopes e Cláudio Bueno Rocha. Muitos eram do jornal Última Hora e, por terem participado da Passeata dos Mil – movimento contra a ditadura –, não conseguiam emprego nos grandes jornais. Aproveitando a experiência desses profissionais, Edgard dos Anjos criou o que se chamou a escolinha de O Diário. Paulo Torre, Rubinho Gomes, José Casado, Rosental Calmon e Míriam Leitão foram alguns desses “alunos”, lembra Pedro Maia.

“Edgard trouxe também Reinaldo Jardim, que concebeu um novo projeto gráfico para O Diário. A Tribuna, por sua vez, passou por uma reforma editorial. Foi quando ficamos sabendo o que era *lead*, *sublead* e acabou esse negócio de chamar todo mundo de doutor.”

O segundo fato, relata o jornalista, deu-se em agosto de 1969, com a descoberta da existência do Esquadrão da Morte. “O caso ganhou repercussão nacional e toda a imprensa do país veio para cá. Foi quando o povo capixaba começou a ler jornais. O Diário ampliou sua tiragem diária de três

mil para 12 mil e A Tribuna, de dois mil passou para dez mil.”

Ao mesmo tempo, os jornais adquiriram forte cunho empresarial e O Diário, sem condições de enfrentar a concorrência, naufragou. Pedro Maia conta que o Governo tinha nos jornais alternativos os grandes inimigos do regime. E, para inibir a sobrevivência deles, impôs-lhes um alto custo de produção, elevando o preço do papel e da tinta. “Também foram criadas as faculdades de Comunicação para filhos de burgueses. Quem poderia frequentar quatro anos de curso?”

### Casado, mulher grávida e desempregado

Pedro Maia casou-se em 1963 e, no ano seguinte, foi convidado para ser repórter no Rio de Janeiro, na Rádio Mayrink Veiga. Chegou ao Rio em 18 de março e no dia 31 explode a Revolução. “Fiquei desempregado, com mulher grávida e com medo de ser preso. Durante um tempo, trabalhei em uma porrada de coisas.”

Em 1967, como correspondente de O Dia, em São Gonçalo, conheceu jornalistas que vieram para o Espírito Santo. “Vinícius Seixas convidou-me para vir e ingressei em A Tribuna, onde minha carteira profissional foi assinada em 1.º/6/1969. Mas comecei dois meses antes.”

Novamente Pedro Maia voltou a trabalhar com o irmão, Paulo Maia, que havia deixado O Debate devido ao fechamento do jornal. Maura Fraga, Ewerton Guimarães, Sérgio Egito e Marien Calixte eram outros jornalistas que estavam em A Tribuna nessa época. “Por aqui não havia editoria de polícia e Vinícius deu a ideia de introduzir uma página do

assunto. Perguntou se eu queria encarar. Encarei. Era briga de mulher, atropelamento, briga de bar. E depois, o Esquadrão da Morte.”

### Essa desgraça chamada *release*

Nos anos 1970, segundo Pedro Maia, surge no Estado um jornalismo mais moderno. Em compensação, depois das faculdades de Comunicação, as instituições criaram as assessorias de imprensa e “uma desgraça chamada *release*”. Outro agravante, aponta, é que o menino sai da faculdade e quer ser crítico de arte.

“O que também f... com o jornalismo é que põem como editor o cara que tem faro de repórter. Esse é um grave problema da imprensa do Estado. Para pagar mais, o jornal tira o cara da rua”.

Observa também que não se dá, hoje em dia, continuidade às matérias. Na sua época, suíte era uma obrigação, até que o assunto fosse totalmente dissecado.

Para os que estão entrando nessa seara, ele deixa sua análise e recomendação. “O jornalismo é como a pintura, a literatura, o cinema, enfim, como as artes. É preciso dom, mas é muito mais necessária a vontade de fazer. Então, é um pouco de inspiração e muito trabalho. Ler, observar, sentir e escrever. Quem conseguir fazer isso... Do contrário, vira um apanhador de *release*”.

Garante que não é contra essa “praga” de assessoria. Só discorda da forma como o *release* é utilizado pela imprensa. Em outras palavras, como matéria pronta, sem a necessária investigação. >>

## Os sem-glamour

“Sou do tempo em que, além do romantismo que envolvia a profissão, o jornalista se relacionava de forma estreita com os gráficos. Tínhamos prazer em sair e beber com eles.”

Pedro Maia conta que, por causa do linotipo, o pessoal da gráfica era o mais informado, porque fazia e lia o jornal todo. “Eram os líderes do comunismo e vinculados a sindicatos. Tanto que o primeiro sindicato fundado em Vitória foi o dos gráficos.”

Como ninguém tinha carro, depois do boteco ficava todo mundo esperando o primeiro ônibus da manhã. “Tínhamos um contato, ainda que inconsciente, com a noite, com o povo, com as ruas. O cara na redação sentia a pulsação da cidade.”

## Repórter especial

Em 1974, Pedro Maia passou à condição de repórter especial de A Tribuna e data dessa época

a série de reportagens de grande repercussão por ele assinada, denominada “Os grandes crimes do Espírito Santo”.

“As matérias eram semanais e você nem imagina as encrencas que arrumei por isso”. Uma das reportagens tratava do assassinato de Paulino Müller, quando era prefeito de Vitória, em 1928. O crime foi cometido por Lauro Farias, que era casado com a irmã de Adelpho Poli Monjardim (ex-prefeito de Vitória) e tio de Arthur Carlos Gerhardt Santos (ex-governador do Estado). Certo dia, deu de cara com a referida senhora, que lançou sobre ele um olhar de reprovação do tipo “então é você o autor daquela matéria!”

“A série era de crimes praticados entre 1920 e 1970. Até pensei em fazer um livro desses casos. Mas não vou mais. Pensando bem, agora que morreu todo mundo, talvez eu edite o livro, sim”.

## Janela Aberta

Deu em recente enquete: depois da seção Cartas, a coluna mais lida de A Tribuna é Janela Aberta, assinada por Pedro Maia. É um espaço no qual ele, sem meias palavras, comenta, sugere, critica e opina sobre os mais diversos aspectos que afetam a vida do cidadão capixaba. Vez por outra, relata antigos e curiosos casos de polícia.

A coluna era assinada pelo jornalista Luiz Eduardo Nascimento. Quando ele saiu, o então diretor do jornal, Marien Calixte, aproveitando a experiência de Pedro Maia como colunista do espaço Comédia Capixaba em O Diário, convidou-o para substituir Nascimento.

“Em 1981, A Tribuna fechou. Levei a coluna para a Rádio Tribuna AM e depois para a TV Tribuna. Quando o jornal reabriu, voltei como redator de publicidade, trazendo de volta a coluna para o jornal.”

O texto é produzido à tarde para o dia seguinte. Como tem que ficar ligado nos fatos do dia, Pedro Maia cumpre uma espécie de via-crúcis da informação. Vê

## JOGO RÁPIDO

**Signo:** Leão, dos bravos

**Motivo de orgulho:** Meus filhos

**Nunca contou para ninguém:** Meu medo da morte

**Não pode faltar no seu bolso:** Ah! Pula essa parte!

**Bebida:** Vinho

**Prato:** O que a Beth, minha mulher, faz

**Em que acredita:** No inexpugnável caminho da morte

**Time de futebol:** Mengão, desde criança

**Escritor:** Jorge Amado

**Sonho:** Descobrir a fonte da juventude

**Cantor:** Ismael Silva

**Lazer:** Sou um eterno apaixonado por cinema. Fora isso, gosto de leitura, atividade que me leva a outros mundos

**Boa notícia:** Acertei na megasena!

**Religião:** Sou ecumênico

**Do que tem saudade:** Dos meus 18 anos

**Frase:** Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem com você

**Um filme:** La Strada, de Federico Fellini

**Do que não se esquece:** Da Vitória de minha juventude

**Imprensa:** Sacerdócio para alguns, viração econômica para uns poucos e sacrifício para muitos



os principais telejornais e lê os jornais do Estado. Às 16 horas, já tem definido o assunto que vai abordar.

## Prêmio e livro

Se há uma conquista da qual Pedro Maia muito se orgulha é a de ter obtido, em 1981, o primeiro lugar no primeiro prêmio de dramaturgia que houve no Estado. Disputado por grandes nomes da dramaturgia capixaba da época, o Prêmio Cláudio Bueno da Rocha foi promovido pela então Fundação Cultural do Espírito Santo.

A peça chamou-se “Ressurreição de Queimados” e satirizava o fato de a Insurreição de Queimados – revolta dos escravos ocorrida em 1849 – ter se dado no mesmo espaço depois ocupado pela Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST).

Se plantou árvore, não se sabe, mas livro já escreveu. Em 1995, o jornalista publicou, com incentivos da Lei Rubem Braga, o livro “Cidade Aberta”, uma coletânea de suas crônicas em A Tribuna. Veio, depois, o “Cidade Aberta II”.



## INÉDITA

A entrevista com Pedro Maia, embora realizada em agosto de 2003, permaneceu intocada. É que o jornal para a qual se destinava encerrou suas atividades.

Com a sua publicação, o Caderno D presta ao talentoso jornalista e escritor uma homenagem, que marca os dois anos de seu falecimento. Pedro Maia morreu em 5 de fevereiro de 2014, aos 73 anos, devido à falência múltipla de órgãos. O “mestre da crônica policial” assinava, há 33 anos, a coluna diária Cidade Aberta, do jornal A Tribuna.

Exatamente um ano após sua morte – 5 de fevereiro de 2015 –, no Centro Cultural Sesc

Glória foi lançada sua obra póstuma, um livro-reportagem que trata dos meandros da investigação policial do brutal e misterioso assassinato da jovem Maria Helena Sabino, “a Lena de muitos amores”. Assim a ela se refere Pedro Maia no livro “O Caso Lena”. O corpo da jovem, de apenas 16 anos, foi encontrado seminu e mutilado em uma pedreira onde hoje é o bairro Mata da Praia, Vitória.

O livro foi organizado e revisado por seu irmão, o também jornalista Paulo Maia (falecido), com a contribuição do repórter policial e policial civil aposentado José Barreto Mendonça.

## CONSTERNAÇÃO

A morte de Paulo Maia, irmão de Pedro Maia, também deixou a imprensa capixaba consternada. Paulo era um profissional querido e admirado pelos colegas, que o tinham como uma pessoa alegre, leal e que trabalhava com muita garra. Ingressou no jornal A Gazeta no final dos anos 1960 e nesse veículo trabalhou até meados de 2010.

No espaço de pouco mais de um ano e meio, partiram os irmãos Pedro e Paulo Maia, profissionais que muito engrandeceram o jornalismo capixaba. Paulo Maia tinha 72 anos e morreu no dia 27 de setembro de 2015, de infarto. ■

# As muitas faces de Maria



**A vida da quilombola capixaba Maria Laurinda Adão cativa públicos no Brasil e no mundo**

Maria Laurinda Adão cumpre todos os dias a sua missão generosa de defender as tradições culturais de seus antepassados e de preservar as histórias que conheceu no Quilombo Monte Alegre, em Cachoeiro de Itapemirim, onde

mora desde que nasceu. Aos 72 anos, essa mulher singular espera fazer a sua passagem (linguagem mais adaptada às suas crenças) naquele pedaço de terra, que recebe, como outras comunidades quilombolas, pouca atenção da sociedade em geral, mas que tem um grande valor para os descendentes de escravos.

No quilombo, além de exercer uma liderança natural e de ser uma defensora intransigente das tradições do seu

povo, especialmente nas rodas de Caxambu, Maria trás a vida, cuida na hora da morte e até do pós-morte, lembra um dos seus maiores admiradores, o arquiteto urbanista e documentarista Genildo Coelho Hautequestt Filho. A quilombola é parteira, coveira, mãe de santo e mestre de cultura popular.

Depois de conhecer de perto e se apaixonar pelas histórias de Maria, Coelho dirigiu o documentário “Todas as faces de Maria”, lançado em 2011. O trabalho foi selecionado em edital da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). Um livro, financiado pela Lei de Incentivo Cultural Rubem Braga, da Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim, sob o mesmo título, veio no rastro do documentário. As histórias de Maria, a partir daí, não pararam de circular e viraram, também, uma exposição, novamente com apoio de editais da Secult, que agregou o trabalho fotográfico, sob o mesmo batismo.

A mostra já passou pelo Museu do Negro, em Vitória, e está no Museu do Colono, em Santa Leopoldina, e no Centro Cultural Brasil-Chile, em Santiago (Chile). O documentário foi apresentado ainda em Mo-



Foto: Genildo Coelho

As histórias de Maria chegaram a Moçambique



çambique, na África. Em todos os eventos, a presença ilustre de Maria Laurinda Adão sempre impressionou. No Chile, conta o documentarista, a exposição foi convidada para fazer parte do Congresso “El universo afro en discusión: literatura, cultura e identidad”, realizado em novembro, mas acabou ficando, depois da repercussão, e só deve deixar aquela Casa no final de março. Lá, após a exibição do documentário, ocorreu um bate-papo com Maria, de 30 minutos. “As pessoas ficaram fascinadas com as histórias dela e o encontro durou mais duas horas”, justifica Coelho.

O fotógrafo Luan Faitanin Volpato, que tem fotos na exposição, comunga da admiração por Maria. A convite da Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim, ele fotografou a tradicional festa “13 de Maio, raiair da liberdade”, em Monte Alegre, no ano de 2012, indicado pelo professor de Fotografia Dário Dias (também com obras na exposição) e com aval de Genildo Coelho. “Nunca tinha fotografado algo da cultura popular, nem o Caxambu, tampouco conhecia Maria Laurinda. Foi nessa ocasião que me encantei por esse estilo fotográfico e pela história de vida de Maria. Dali em diante, sou o fotógrafo oficial da Associação e acumulo um grande banco de imagens dos grupos folclóricos que integram a entidade. Maria Laurinda é a mestre mais presente em minhas obras e, a partir das imagens colhidas ao longo do tempo e em diversas ocasiões e contextos, concebeu-se a exposição.” Trabalhos do fotógrafo Renilson >>

Foto: Renilson Chagas



Entre as muitas faces de Maria, a função de coveira



Foto: Luan Volpato

Os cuidados espirituais de Maria

Chagas também compuseram a mostra.

Os anos de convivência com a quilombola fizeram Genildo Coelho confessar um pequeno pecado: a pretensão do nome do documentário, que dá origem a todos os outros produtos culturais relacionados. “Agora tenho certeza de que não temos como mostrar todas as faces de Maria. Todos os dias aprendo algo novo com ela.” O carisma e o conhecimento adquirido em uma vida inteira dedicada ao seu quilombo e a preservação da cultura negra, fazem da mestre de cultura popular uma personalidade já reconhecida entre os movimentos de preservação cultural e das tradições. Ela é uma das duas personagens capixabas (a outra é a escritora e atriz Elisa Lucinda) do livro *Mulheres Negras do Brasil*, organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. A intenção dos autores da obra é ajudar a superar a invisibilidade das mulheres negras.

## A herança do Caxambu

Mulher, negra, mãe solteira, neta de escravos, moradora de um quilombo, analfabeta, parteira, coveira, mãe de santo. Há motivos de sobra, em uma sociedade que tenta disfarçar inutilmente seus preconceitos, para Maria Laurinda Adão contar histórias dos dissabores que enfrentou ao longo dos seus 72 anos de vida. Mas a mestre de cultura popular, que herdou a força da batida do Caxambu e que dá oficinas para preservar o folguedo, é muito maior do que o preconceito.

Ela parece passar por cima de muitas dessas histórias, com altivez e integridade, para contar, com humor, alguns poucos casos. O que toma mais o seu tempo é o do nascimento da sua única filha, que já tem 45 anos e lhe deu quatro netos e cinco bisnetos. “Escondi a gravidez e meu pai (Paulino Adão) só soube quando ela nasceu. Ele ficou

muito bravo e me botou para fora de casa. Fui para a casa de uma irmã. Depois, como era eu quem mais ajudava na roça, meu pai me mandou voltar.”

Outro episódio tem relação com sua missão de mãe de santo, já que as religiões afro sofrem com a intolerância de outros grupos religiosos. “O cara teve na minha casa e queria me convencer a me entregar para Jesus. Falou de como seria no juízo final. Disse para ele que como nunca vi ninguém falar que está no céu ou no inferno ia ficando por aqui mesmo.” Para Maria, o mais importante é o comportamento do fiel e não a sua religião. “Ela é apenas o caminho. Religião não se discute.”

A mãe de santo que nem sempre desperta a simpatia de todos surgiu naturalmente, como um dom, que desenvolveu no Terreiro Andorinhas, em Jerônimo Monteiro, sul do Espírito Santo. Depois, abriu o seu próprio terreiro, de São Jorge, que fica no quilombo, em Cachoeiro de Itapemirim.

Suas outras múltiplas atividades são explicadas por Maria com uma simplicidade que faz tudo parecer muito fácil. Logo aos 12 anos aprendeu a “cortar umbigo”, como ela mesma se refere à função de parteira, pouco tempo depois foi obrigada a agregar o ofício de coveiro, para enterrar um tio, já que não havia outra pessoa para fazer a cova, e continuou prestando esse serviço à sua comunidade.

Dos partos, lembra que quando saía para trabalhar (função que só exerce hoje se for um caso de urgência) ia fazendo uma ora-



A exposição “Todas as faces de Maria” faz sucesso no Chile



Foto: Danilo Carneiro

## As dores e delícias da vida no Quilombo de Monte Alegre



Foto: Luan Volpato

### A mestre de Caxambu não abre mão de suas origens

ção. Ela não tem ideia de quantas crianças ajudou a trazer ao mundo, mas tem um “dado estatístico” que não sai da sua cabeça: “nunca perdi uma mãe.”

Sua liderança na comunidade e no movimento negro abriu portas para exercer uma atividade política relevante, especialmente em conselhos e em manifestações dos movimentos de defesa da cultura negra e das mulheres camponesas. Da sua

atuação como mestre de cultura popular, Maria Laurinda Adão faz oficinas, conforme editais da Secult, e promove a principal festa do Quilombo Monte Alegre, a de 13 de maio, dia em que se comemora o fim da escravidão no Brasil. “Fazemos uma grande festa, com Roda de Caxambu, aberta a toda sociedade. É a nossa forma principal de preservar a cultura dos escravos, informa Maria.”

## Um pouco mais de informação

**Mestres da Cultura Popular** são reconhecidos por entidades públicas representativas da Cultura, com o intuito de valorizar a ação dessas pessoas que conhecem em profundidade e transmitem e perpetuam tradições que compõem o patrimônio cultural imaterial.

**Caxambu** é o tambor utilizado na manifestação cultural afro-brasileira denominada Jongo. Originalmente, no Espírito Santo, o instrumento era feito com uma tora de madeira tosca e oca, com couro esticado de boi em ambos os lados. A Roda de Caxambu é a forma de apresentação do folguedo, com batuque, cânticos rimados e dança. Em Monte Alegre é praticado desde meados do Século XIX. ■

# Economia Artisticamente Criativa



Foto: Tiago Zanoli / Divulgação

Festival do Beiju, Conceição da Barra

Xavier Greffe, estudioso francês, teve um de seus livros recentemente lançado no Brasil pelo Observatório Itaú Cultural/Iluminuras. Trata-se da obra *Economia Artisticamente Criativa*. Nele Greffe afirma que hoje existe uma forte ligação entre as artes e a economia. Na verdade, o que tem sido chamado de economia criativa é uma apropriação econômica do papel das artes no mundo contemporâneo. Elas não constituem mais um setor restrito para os quais se dirigem olhares gentis. Elas têm, para o autor, uma dimensão transversal que fertiliza a criatividade social e produtiva (p.183).

São essas compreensões que nos animaram a criar um programa denominado *Economia Criativa* no âmbito das políticas públicas do governo estadual. Pretendemos construir uma convergência entre cultura e desenvolvimento. Temos convicção de que a cultura é alavanca importante para o desenvolvimento econômico e social de um país ou de uma região. Alavanca que ajuda a repensar modelos de crescimento com novas fontes de energia e uma nova postura do ser humano frente ao desafio da promoção do desenvolvimento sustentável.

Está claro que o Espírito Santo tem um potencial cultural muito forte. São manifestações da chamada cultura tradicional, da gastronomia, do artesanato, das artes visuais, cênicas ou audiovisuais, por exemplo. Existem hoje cinco sítios históricos, São



Foto: Erika Piskac / Divulgação

### Oficina de Figurino Funarte

*Mateus, Itapina, Santa Leopoldina, Muqui e São Pedro de Itabapoana. Temos de trabalhar esses lugares privilegiados de nosso patrimônio arquitetônico e cultural como elementos do nosso desenvolvimento, sobretudo por meio do turismo que os valorize e tenha a capacidade de levar a eles novos negócios que signifiquem emprego e renda.*

*Quando assumimos a Secretaria de Estado da Cultura (Secult), havia um projeto governamental praticamente desativado no campo da economia criativa, e que envolvia a Secult. Foram feitas inúmeras rodadas de conversas e negociações com as várias secretarias envolvidas, como Turismo, Desenvolvimento Econômico e/ou Ciência e Tecnologia. Além disso, estiveram envolvidos nessas movimentações iniciais o Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes) e o Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes). Enfim, iniciamos um esforço técnico e político para dar nova dinâmica a essas atividades.*

*Temos nossas razões. Para*

*ficar em um exemplo importante, nossa indústria – como as que existem nos arranjos produtivos de Linhares, com o segmento moveleiro, ou de Colatina, com a moda – são ricas em criatividade no campo da produção. Nossa intenção é potencializar essa capacidade criativa, dando maior competitividade ao produto capixaba. O Bandes, na gestão de seu presidente Luiz Paulo Veloso Lucas, criou várias linhas de financiamento à economia criativa que dão materialidade aos nossos planos neste momento.*

*Mas estamos muito focados em formação no campo da criatividade e das profissões que, utilizando o fazer artístico no campo econômico, criam entre*



Foto: Márcia Almeida / Divulgação

*nós uma verdadeira noção do que seja Economia Criativa. Parte desta formação estará localizada em territórios tidos como de alta vulnerabilidade e onde os jovens têm poucas alternativas de trabalho. Trata-se de formar pessoas para profissões mais atraentes e que digam respeito ao mundo da juventude de hoje, como o meio digital. Já estamos iniciando um trabalho em Vila Nova de Colares, no município da Serra.*

*Outro elemento importante que o projeto do Governo do Estado não poderá ignorar é a tecnologia. O mundo em que vivemos e aqueles que entram*

**“PRETENDEMOS CONSTRUIR UMA CONVERGÊNCIA ENTRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO.”**

*hoje no mercado de trabalho, de qualquer um dos setores sociais, não querem somente as profissões tradicionais. Por isso, temos de ter um foco bem específico na base tecnológica como elemento central da Economia Criativa*

*Além de todos os fatores já listados, a Economia Criativa também contribui significativamente para o desenvolvimento social. Seu potencial de gerar autoestima, qualidade de vida, por meio de atividades prazerosas e representativas das características de cada localidade, estimula o crescimento inclusivo e sustentável. Por isso, a elegemos como política central de nosso mandato na Cultura. ■*

**João Gualberto**  
Secretário de Estado de Cultura



Foto: Divulgação Secult

O público e os músicos, juntos e misturados

## Música Clássica

# Mudança de *paradigma*

A proposta é ousada e a iniciativa desafiadora. A Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses), por meio da série intitulada “Concertos para a Família”, pretende formar novas plateias, principalmente composta por crianças. A resposta vem sendo positiva: público infanto-juvenil e também adulto ocupando o Theatro Carlos Gomes nas manhãs de domingo.

Segundo o maestro titular da Oses, Helder Trefzger, com um

repertório mais leve, com apenas uma hora de duração e seguindo um modelo interativo, as pessoas se divertem ao mesmo tempo em que mantêm contato com a música clássica. O repertório contou com obras de compositores como Tchaikovsky, Beethoven, Mozart e Bach.

A proposta, segundo o maestro, foi exatamente a de “apresentar a música clássica para as crianças e também incentivar o convívio familiar, ir a uma espécie de matinê, comer pipoca,

ouvir música... Tivemos muitas crianças, acompanhadas não só pelos pais, mas também pelos avós. O clima foi de confraternização e de harmonia.”

A ideia, então, tomou corpo e foi colocada em prática no primeiro domingo de março de 2015, dando início a uma série de oito apresentações ao longo do ano, sempre aos domingos (1/3, 29/3, 26/4, 31/5, 2/8, 30/8, 1/11 e 29/11). Todas as apresentações foram realizadas no palco do Theatro Carlos Gomes, Centro

de Vitória, às 11 horas. Uma das formas encontradas para atrair ainda mais o público foi o valor dos ingressos: R\$ 2,00 (inteira) e R\$ 1,00 (meia).

“Essa foi uma das melhores experiências que já tivemos - e o melhor, sempre com grande presença de público. As filas na porta do teatro eram enormes, todos queriam ver a orquestra. Ficamos muito felizes com a oportunidade de apresentar esse maravilhoso mundo para as nossas crianças e suas famílias”, revela o maestro Helder Trefzger.

### Interação com o público

De acordo com o maestro, as apresentações foram didáticas e com muita interatividade. “Os músicos apresentavam seus instrumentos ali, pertinho da plateia. Os maestros conversavam, explicavam sobre as músicas e até mesmo chamavam crianças e pais para ter a oportunidade de reger a orquestra. Ao final das apresentações, as famílias subiam ao palco para assistirem e sentirem a música no meio da orquestra – uma experiência única, que eles curtiram muito”, explica



Foto: Divulgação Secult

## “A PROPOSTA FOI EXATAMENTE A DE APRESENTAR A MÚSICA CLÁSSICA PARA AS CRIANÇAS E TAMBÉM INCENTIVAR O CONVÍVIO FAMILIAR.”

o entusiasmado maestro.

O sucesso dos “Concertos para a Família” fará com que a série continue neste ano de 2016 e com uma novidade: inclusão de um concerto com trilhas de músicas de videogames e filmes.

Por enquanto, informa Hel-

der Trefzger, a ideia é manter a série no Teatro Carlos Gomes, até porque já existe outra série, também voltada para crianças e adolescentes, sendo realizada na região de Grande Vitória: os “Concertos nas Escolas”, em que a orquestra percorre as instituições públicas de ensino da região. Em 2015 foram realizadas 20 apresentações em escolas. Outro sucesso de público.

Todo esse trabalho, alavancado junto com a Secretaria de Estado da Cultura, propicia à Orquestra Sinfônica do Espírito Santo a prestação de um serviço de excelência à população capixaba, diminuindo distâncias e derrubando obstáculos em prol da democratização do acesso à cultura, ao mesmo tempo em que a projeta no cenário nacional e internacional. ■



Foto: Divulgação Secult

A brincadeira cultural de reger uma orquestra



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA E O IPÊ ROSA | Foto: Elizabeth Nader